

A MEMÓRIA SOCIAL DOS MORADORES DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ E SUAS ÁGUAS MEDICINAIS

Mariana Arruda Muniz

IFF- Instituto Federal Fluminense

email:mari.oab.rj@gmail.com

Resumo: O intuito deste artigo é demonstrar a contribuição do método da história oral, através da memória social de alguns moradores paduanos, sobre as águas que são consideradas medicinais na cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ. A primeira parte da pesquisa trata da técnica da história oral como fonte de registro e de elemento da memória, sendo a memória individual e coletiva uma constituinte do desenvolvimento e da construção de uma pessoa ou de um grupo no processo da formação de suas identidades/subjetividades, descrevendo sobre o patrimônio imaterial e sua relação com a memória e a história e, posteriormente, o fundamento legislativo para o seu registro. Na segunda parte, são descritas quais são essas águas, sua descoberta, sua localização e a sua importância regional, nacional e mundial, depois da sua propagação como águas consideradas medicamentosas até a real situação destas. Na terceira parte, foram realizadas entrevistas com moradores locais resultando em suas memórias do passado e presente que não se distanciam, mas se complementam, afinal a imbricação entre elas constitui o pano de fundo do registro desse patrimônio cultural imaterial.

Palavras chaves: história ora, águas medicinais, Santo Antônio de Pádua-RJ

1 INTRODUÇÃO

Nesse artigo, será tratada a memória social dos moradores de Santo Antônio de Pádua sobre as suas águas medicinais pertencentes ao local, juntamente com registros de livros de autores paduanos, periódicos e documentos encontrados na Biblioteca Nacional Digital. O município de Santo Antônio de Pádua-RJ está localizado, no Noroeste Fluminense, a aproximadamente a 280 km (quilômetros) de distância da capital, Rio de Janeiro e possui quatro fontes de águas minerais.

Através de registros, como periódicos e livros verificou-se que essas águas foram de suma importância para a divulgação do município, desde a descoberta das fontes até serem reconhecidas internacionalmente por sua composição rara e de qualidades terapêuticas incontestáveis. Dessa forma, a história das águas medicinais está estreitamente ligada à da cidade de Santo Antônio de Pádua, sendo instância hidromineral

por muitos anos. Assim, por meio da memória social, encontrada na história oral de alguns cidadãos paduanos, pretende-se realizar um registro histórico-social que corrobore com a documentação já existente sobre essas águas medicinais.

2 A HISTÓRIA ORAL COMO METÓDO DE PESQUISA NA PRODUÇÃO DE FONTES HISTÓRICAS

O uso da história oral oportuniza o acesso a "histórias dentro da História" (ALBERTI, 2005, p.155), visto que as narrativas coletadas serão sempre visões ou versões subjetivas da realidade. Justamente por isso, o uso da história oral proporciona ao pesquisador a viabilidade de ampliar os horizontes de sua pesquisa, ou seja, de interpretar, explicar e compreender de forma mais ampla e aprofundada seu objeto de estudo e sua aplicação. É um importante instrumento nas ciências humanas e sociais. (POLLAK, 1992, p. 08), ao tratar sobre essa fonte que o historiador utiliza, menciona que toda a construção feita do passado, incluindo uma concepção mais positivista, é sempre carregada de intermediação de documentos, por isso:

[...] é óbvio que a coleta de representações por meio da história oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa. Por exemplo, hoje podemos abordar o problema da memória de modo muito diferente de como se fazia dez anos atrás. Temos novos instrumentos metodológicos, mas sobretudo, temos novos campos.

Segundo (HALBWACHS, 2013, p. 30), por mais que se tenha a percepção de ter vivenciado eventos e contemplado objetos que somente você (ou um grupo) viu, ainda assim as lembranças permanecem coletivas e podem ser evocadas por outros. Isso porque, como afirma o autor, jamais estamos sós, mesmo quando os outros não estejam fisicamente presentes, pois os carregamos em pensamento. Assim, “Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra,

ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2013, p. 31).

É possível considerar que os elementos que constituem uma memória, seja ela individual ou coletiva, são os acontecimentos vividos pessoalmente e vividos “por tabela”, expressão essa dada por (POLLAK, 1992, p. 02), que se refere a acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade, que a pessoa se sente a pertencer.

2.1 O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

A palavra "patrimônio" está entre as que se usa com mais constância no dia a dia das pessoas em geral. Costuma-se falar sobre os patrimônios econômicos, os patrimônios imobiliários, utilizando também noções de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos e, atualmente, no que se chama de patrimônios intangíveis. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar "ressonância" junto a seu público. O historiador (GREENBLATT, 1991, p. 42-56) faz uso dessa noção de ressonância:

Por ressonância eu quero me referir ao poder de um objeto exposto atingir um universo mais amplo, para além de suas fronteiras formais, o poder de evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais ele emergiu e das quais ele é, para o expectador, o representante.

A ambivalência está presente na classe patrimônio, característica definidora da sua própria essência, uma vez que liminarmente situa-se entre o passado e o presente, entre a cultura e os indivíduos, entre a história e a memória. Nesse aspecto, algumas modalidades de patrimônio podem servir como formas de comunicação criativa entre essas dimensões, comunicação realizada existencialmente no corpo e na alma dos seus proprietários.

Por um lado, um patrimônio inseparável do corpo e suas técnicas – o corpo, que é, em si, um instrumento e um mediador social e simbólico entre o self e o mundo (MAUSS, 2003, p. 136-137); e, por outro lado, um patrimônio individualizado e autonomizado, com a função de assumir o papel de "representação" ou de "expressão"

emblemática de categorias, que são transformadas em alguma forma de entidade, seja a nação, o grupo étnico, a região, a natureza, entre outras.

2.2 O REGISTRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O fundamento jurídico do registro do patrimônio cultural imaterial, nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, e sua formulação tiveram como base a longa e rica experiência acumulada não apenas pelas instituições como o Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN), que zela pelo patrimônio cultural brasileiro, mas também pelo trabalho de instituições nacionais, estaduais e municipais, públicas e privadas, de indivíduos e grupos que se dedicaram a estudos, pesquisas, coleta, documentação e também apoio às mais variadas manifestações de nossa cultura.

O registro do patrimônio imaterial se distingue do tombamento na medida em que não se propõe a “conservar” os bens registrados ou a assegurar a sua “autenticidade”, nem a atribuir ao poder público a obrigação de fiscalizar e de zelar pela sua integridade física., que recaem sobre o Ministério da Cultura.

3 AS ÁGUAS MEDICINAIS DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ

O município já foi considerado oficialmente estância hidromineral pela importância das fontes de águas minerais e medicinais raras encontradas no seu rico subsolo. No informe do Centro de Informações de Dados do Projeto Muda Pádua (SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ, 1990, p. 93), são mencionadas as quatro jazidas mais importantes:

FONTES DE ÁGUAS MINERAIS

IODETADA – Única da América do Sul, recomendada no tratamento cardiovascular.

FAROL – Magnesiana: indicada para o aparelho digestivo.

SOLÚ E PAGÉ – magnesiana e litinada, respectivamente. Em processo de reorganização.

Graças ao sucesso das suas águas minerais, os inúmeros hotéis da época, quase todos estabelecidos à margem direita do Rio Pomba, estavam sempre com sua lotação completa. Esta concentração de hotéis tinha uma razão lógica, já que naquele lado estavam localizadas as procuradas fontes e a estação ferroviária, único meio de transporte existente e que ligava a cidade aos grandes centros. Cabe destacar aqui o trecho citado pelo historiador paduano (HEITOR DE BUSTAMANTE, 1975, p. 425), em seu livro “Sertões dos Puris”:

À parte duas jazidas do grafite, já experimentadas sem resultado, não consta nenhum vestígio de outros minerais que possam interessar pelo seu valor comercial. Há, porém, que destacar neste particular as quatro fontes de águas que tanto têm preocupado a atenção dos pesquisadores medicinais. Delas, a principal, em opiniões consagradas, é a iodetada, tida como a única fonte na América do Sul, geralmente recomendada para enfermidades do coração. A “Farol “e a “Pajé”, também recomendadas e com grande aceitação. Estas três fontes estão localizadas na cidade. Agora, entrou em cena, a chamada Solu, no distrito de Ibitiguaçu, [...]. Esse nome Solu, vem do primitivo proprietário do sítio onde ela nasce, que se chamava Luís Côrtes, conhecido vulgarmente “Seu Lu”. Dêste apelido gerou-se o nome atual.

Excetuando a Água Solú, essas fontes estão localizadas no centro da cidade de Pádua, que passou por forte expansão imobiliária, tornando impossível cumprir as exigências do Código Nacional das Águas. Houve outras dificuldades como: falta de incentivos, investimentos, alto custo do engarrafamento à época e grandes exigências legislativas. Esses foram fatores que levaram ao abandono da exploração e comercialização das águas consideradas medicinais. O município, que já ostentou o status de estância hidromineral, deixou de ser “a cidade das águas” e ganhou o epíteto de “Cidade das Pedras”, por ter passado a explorar em larga escala as rochas ornamentais, fazendo com que a importância desse patrimônio cultural imaterial fosse se perdendo ao longo dos anos.

3.1 A DESCOBERTA DO PATRIMÔNIO CULTURAL NATURAL IMATERIAL

3.1.1 A Água Iodetada de Pádua



Fonte da Água Iodetada, 1935. Fonte: (PICCININI, 2005, p. 376)

De acordo com (CORDEIRO, 1986, p. 18), a água Iodetada foi descoberta em 1930, pelo professor José Lavaquial Biosca, que, após o seu pai ter sido desenganado pelos médicos, portador da osteomielite, resolveu trazê-lo para cidade para morrer ao seu lado. Assim, Lavaquial relatou:

Perto da minha casa tinha sido descoberto um poço de água que era por mim utilizada, após fervida, para limpar duas feridas no corpo do meu pai. Notei que, com seis meses, uma das feridas fechou. Achei que era o efeito do remédio e não me importei, mas continuei a usar a mesma água e, alguns meses depois, meu pai estava bem melhor. Foi então que resolvemos promover uma análise na água e veio a comprovação da presença de iodo.

O terreno onde se encontra a fonte da água Iodetada pertence à família Lavaquial, que, após a descoberta, autorizou a exploração da água pela empresa Atlantida. Sua comercialização iniciou-se no ano de 1930, através da Exploração Industrial das Águas de Santo Antônio de Pádua-RJ. O (JORNAL DOS SPORTS, 1931, p. 06) anunciou à época a descoberta da água Iodetada no Brasil pela Atlantida:

A descoberta da fonte de água IODETADA ATLANTIDA em Pádua, E. do Rio, representa uma das maiores conquistas da therapeutica brasileira. É sabido que as fontes de agua IODETADA, são raras no mundo, sendo conhecidas apenas nove e todas na Europa; na América a não ser no Chile, havia essa grande lacuna; agora felizmente sanada com o aparecimento da fonte ATLANTIDA, com a vantagem, de ser considerada uma das melhores, quiçá a Melhor do mundo.

Nesse passo, Pádua passou a ser considerada, pelo Decreto lei nº 4458/65, como Cidade Estância Hidromineral, gozando a partir deste momento do privilégio de ter esse diploma legal e, na particularidade, sendo a cidade considerada de área de segurança nacional, o prefeito municipal era nomeado.



Fonte da Água Iodetada, 2019. Fonte: Própria.

3.1.2 A Água Farol ou “Pharol”

Com relação à água Farol ou “Pharol”, pertencia ao saudoso capitão José Homem da Costa. Era captada na fazenda também denominada Farol, rica em sulfatos, magnésio, cálcio e hidrocarbonetos.

O jornal (O CAMPO, 1930, p. 30) relatou o recebimento de uma excelente caixa de água mineral “Pharol”, de propriedade do Senhor José Homem da Costa.

“Trata-se duma das nossas melhores aguas mineraes, já pela dosagem dos saes que contem, em proporção excelente que se diria manipulada pelo genio

pharmaceutico da Natureza, já pelo sabor agradável. Gratos pelo optimo presente”.



Fachada da antiga Água Farol, 1990. Fonte: (S. ANTÔNIO DE PÁDUA, 1990).



Fachada da antiga Água Farol, 2019. Fonte: Própria.

Nos anos seguintes, saíram também notícias sobre a água Farol, que retratavam as mesma qualidades e benefícios. O jornal (O FLUMINENSE, 1937, p. 01) noticiou:

Entre outras riquezas que o município possui – contam-se as suas águas minerais. Na sede existem duas fontes de qualidade superior, dentre essas uma é única espécie na América do Sul. Ambas têm analyse dos laboratórios do Governo Federal. A primeira dellas é denominada água “Pharol”, sendo de base magnésiana. Água “Iodetada” é a segunda muito recomendada para as doenças do coração.

3.1.3 A Água Litinada Pagé

O único dado concreto obtido em relação à água Pagé veio através de uma reportagem do jornal (O FLUMINENSE, 1975, p. 01), que continha o título “Fonte da Juventude”. A matéria menciona que uma das águas de Pádua contém lítio, metal que se acredita capaz de auxiliar na revitalização do plasma das células.

O prefeito municipal à época, Sr. Fernando Perlingeiro Lavaquial, conseguiu um certificado oficial da Água Litinada Pagé, procedida da Alemanha Ocidental, e acrescentou que, naquele país, não havia fonte de água com essa propriedade, mencionando ainda que, enquanto eles precisam adicionar o metal na água, a fonte paduana tinha naturalmente o lítio. A localização da fonte é uma rua, na lateral do supermercado conhecido como “Domingão”, na cidade de Pádua. Atualmente, não existe mais, por causa do loteamento realizado e, principalmente, por duas construções sobre a mesma, conforme se vê na figura abaixo:



Construções residenciais sobre a Fonte da Água Pagé, 2019. Fonte: Própria.

3.1.4 A Água Solú

Na sequência e de grande importância, foi a descoberta da Água Solú, no distrito de Ibitiguaçu. Numa área de três alqueires e distante do centro do distrito cerca de seis quilômetros, sendo considerada uma fonte rara, carbogasosa: duas gasosas e uma ferruginosa.



Nascente da antiga Água Solú ferruginosa, 2019. Fonte: Própria

O autor (RIBEIRO, 1999, p. 289) relata a importância da água Solú:

No passado, há cerca de 50 anos, este precioso líquido foi muito difundido na região em virtude da descoberta pelo povo de suas ótimas qualidades minerais, com propriedades alcalinas, sendo uma água mineral de excelente propriedade mineral, principalmente referente aos rins. Assim desordenadamente o povo comparecia para tomar o líquido medicinal, bem como trazer para suas residências com a finalidade de seu uso diário. Com o decorrer do tempo essa água ficou conhecida como benfeitoria da região da velha província fluminense.

Um grupo do município vizinho, Itaocara-RJ, comandado pelo senhor Alaôr Eduardo Scisínio, conforme o autor, iniciou a exploração do líquido medicinal comercialmente, com sua industrialização e distribuição para o comércio local e para todo o Estado do Rio de Janeiro. Em 1958, o grupo que adquiriu o direito de exploração do “seu Solú” transferiu o direito de uso para um grupo de portugueses, que a exploraram comercialmente em alta escala.

Muitos anos depois, a Prefeitura Municipal desapropriou a área com a intenção de exploração e comercialização, caso algum grupo quisesse investir. Em 2003 construiu uma cabana e disponibilizou o acesso até a fonte para o consumo de água, sendo que a fonte, com sabor mais acentuado, não existe mais, somente a com o sabor mais ameno. Em agosto de 2011, houve uma revitalização do local pelo governo municipal, com recursos federais, considerado como área de proteção ambiental. Foi reformado o

fontanário, construídos dois quiosques, banheiros e restaurante, sendo denominado Parque da Água Solú. Essa iniciativa resultou no primeiro passo do Projeto Caminho das Águas, que a prefeitura desenvolveu em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF) e o Departamento de Recursos Naturais (DRM).



Água Solú sendo utilizada. Dos 3 tipos de água, apenas uma jorra na torneira. Foto sacada em 2019. Fonte: Própria.

4 A HISTÓRIA DAS ÁGUAS CONTADA PELOS MORADORES DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA/RJ

4.1 A ÁGUA IODETADA POR FERNANDO PERLINGEIRO LAVAQUIAL

A entrevista foi realizada na cidade de Santo Antônio de Pádua, com o senhor Fernando Perlingeiro Lavaquial, na sede do centenário Colégio de Pádua, de sua propriedade. Proprietário direto da água Iodetada de Pádua, senhor Fernando ou Doutor Fernando, como o chamam, é de família tradicional paduana e conhece como ninguém a história da cidade, no caso específico sobre a Água Iodetada. O entrevistado segue o relato sobre onde era a casa do seu avô Ramon e a história inicial da utilização da água iodetada. (Relato Oral¹)

¹ Entrevista com Fernando Perlingeiro Lavaquial, no dia 31-jan-2019.

Meu avô veio e tinha um campo de futebol onde é o Mercado Noroeste Fluminense, aquilo era a entrada do campo de futebol do Paduano Esporte Clube e do Colégio de Pádua, então ali tinha uma casa pequenina, onde morou o Ramon Lavaquial e ele com aquele pós operatório [...] com o que me falavam [...] com aquelas feridas nas costelas que ele tinha, ele pegava essa água do poço, já tinha um poço ali, e tem até hoje, bebia dessa água, porque ela era limpinha e fazia a higiene das feridas dele...Qual foi a surpresa? Ele não morreu...risos...ficou algum tempo aí, e em 1935, eu nasci, em 1938 ele ainda estava aí, porque aqui no Colégio de Pádua no farol, tinha uma jabuticabeira e ele botava uma gangorra pros netos brincarem e uma das gangorras ele falava assim: “essa aqui é do Fernando” eu era o caçula da família né e me lembro disso perfeitamente, eu devia ter uns 03 ou 04 anos de idade [...]

Nesse contexto, conforme relatado, seu avô não morreu e seu tio, irmão da sua mãe, o senhor Aníbal Perlingeiro, era considerado o cara que tinha “cabeça”, pois era inteligente e foi quem “pegou” a água e começou a pesquisar o que tinha. No entanto, ele não possuía recursos na cidade de Pádua e levou essa água para o laboratório de Bromatologia da cidade de Leopoldina-MG. Ao ser examinada, foi confirmada a presença de iodo em sua composição. (Relato Oral ²)

Então a data de descoberta é em torno de 1930. Por que eu sei? Porque em volta do poço hoje tem uma casinha meio arredondada que protege o poço, o mesmo poço que ele pegava água. É a mesma casinha até hoje, tá meio capenga lá tem muito tempo que não mexe nela, mas de qualquer forma tá lá escrito, tem uma data 1930, veja bem, não é nem aí a descoberta, foi um pouco antes, foi porque em 1930 ela começou a ser engarrafada e tempos depois, em 1930 [...] perdão [...] o engarrafamento era ali mesmo, a água saía do poço entrava numas máquinas muito simples, engarrafava e rotulava com o nome de Atlântida, essa água ficou famosa e tal [...]

Por fim, sobre a água Iodetada, Fernando falou sobre o estado atual da água, permanecendo no mesmo lugar, “quietinha”, ressaltando o fato de que “pegando o mesmo

² Entrevista com Fernando Perlingeiro Lavaquial, no dia 31-jan-2019.

lençol freático e aprofundando-a poderia produzir mais”, mas hoje, a água iodetada produz em média 30 mil litros por dia.

4.2 A ÁGUA “PHAROL” OU FAROL POR SEBASTIÃO HOMEM DA COSTA

A entrevista elaborada sobre a Água Farol foi realizada com o neto do capitão José Homem da Costa, o senhor Sebastião José Homem da Costa, na sua residência, no bairro Dezesete, na cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ.

Quem nos conduziu até lá foi seu filho, Marco Tobias Homem da Costa, que nos relatou, que seu pai trabalhou durante muitos anos na água Farol e que deveria ter algumas lembranças daquela época, mas que sua memória poderia falhar devido a três acidentes vasculares cerebrais (AVC's). Seu pai sofreu esses acidentes nos últimos tempos, e está com mais de 90 anos de idade. (Relato Oral ³)

Eu me lembro da época que eu engarrafei, da época do pessoal trabalhando ali, é o que lembro, época que vendia muita água, eram os caminhões que “tavam” aí, é o que eu me lembro da água aí, eu trabalhei muitos anos, engarrafando [...] A água era quanto fazia o quanto vendia [...]

A fazenda chamada Farol foi arrematada pelo avô do senhor Sebastião Homem da Costa. De acordo com o senhor “Tãozinho”, foi seu avô quem descobriu a água e mandou examiná-la na época, no que se constatou a existência de gás natural em sua composição. A partir desse momento, começou a ser explorada e engarrafada, mas com o passar dos anos, a saúde pública exigiu um maquinário muito caro que os herdeiros não possuíam condições de comprar e a água também não tinha vazão suficiente.

4.3 A ÁGUA PAGÉ POR FERNANDO PERLINGEIRO LAVAQUIAL

³ Entrevista com Sebastião da Costa, no dia 06-mar-2019.

Na entrevista com Fernando Lavaquial, proprietário da Água Iodetada, o mesmo descreveu sobre a descoberta da água Pagé, em de Santo Antônio de Pádua-/RJ, pelo senhor Aníbal Perlingeiro. Essa água continha lítio, e o metal, de acordo com o que diziam, segundo o entrevistado, é muito bom para o rejuvenescimento das células humanas. (Relato Oral ⁴)

Ela hoje fica próxima ali aquele mercado na beira linha, mercado “Domingão”. Se você olhar o mercado “Domingão” do lado esquerdo tem uma rua, no fim da rua à esquerda, aquilo tudo ali era a cerâmica de Pádua, onde fabricava manilha, telha, tijolo, tijolos, e essa cerâmica era do Francisco Perlingeiro, e o Francisco Perlingeiro transferiu para o filho mais velho que era o Aníbal, e o Aníbal descobriu essa fonte de água lá e começou a fazer tratamento com a mulher do Francisco Perlingeiro, mãe do Aníbal Perlingeiro, a minha avó tava lá numa fase da idade dela “capenga” como que fala na gíria, velhinha e com problema, e o que que ele fez? Ele começou a fazer um tratamento por responsabilidade dele, ela né mãe do filho, filho falou né mãe vamo fazer...e o que que ele fazia? Ele injetava um pouquinho da água Pagé, uma injeção subcutânea acho que intramuscular, dona “Dirina” viveu mais 15 anos, saudável e com a cabeça boa, não tinha uma raiva, não tinha nada, enfim acho que vale o tratamento que ele fez.

Por fim, ele falou sobre a história da água Pagé. Fernando acredita que essa água ainda exista no quintal da última casa, do lado direito do mercado “Domingão”, atrás de uma igreja.

4.4 A ÁGUA SOLÚ POR RUTH, NORA DO FILHO DO SEU “LÚ”

Na casinha dos fundos, dona Ruth descreveu suas lembranças sobre a história da água Solú, dizendo que o nome “Solú”, se deve ao fato do pai do seu marido ter sido conhecido por “seu Lú”, originando assim o nome da água. (Relato Oral ⁵)

⁴ Entrevista com Fernando Perlingeiro Lavaquial, no dia 31-jan-2019.

⁵ Entrevista com Ruth da Silva, no dia 10-mar-2019.

Aí passava gente com o boi, deixava o boi beber água nos buraquinhos, fazia buraquinho de água mineral, aí teve um homem, esse homem é vivo ainda, mora lá em Ibitiguaçu, disse vão “povar” dessa água que essa água tem gás, *foi* “povar” aí tinha gás, aí começaram a cuidar mais um pouquinho.

Ao ser indagada sobre a descoberta e a história da água Solú, D. Ruth, como é mais conhecida, contou que onde se localiza o Parque da Água Solú era o sítio do pai do seu marido, conhecido como seu “Tochi”, afirmando a história que todos conhecem naquela pequena comunidade. (Relato Oral ⁶)

O boi que bebia ela, um rapaz que passava com um boi aqui, tocando, tocando, tocando os bois, diz que ele mora para baixo, aí ele tocava os bois e ...de um lugar para o outro. Ai ele deixava os bois dormir ali, ai os bois ia bebendo a água...ai ele falou assim: O boi bebe tanto dessa água, resolveu beber, ai falou assim tem gás, ele que sentiu o gás, ai ele falou com todo mundo assim de que tinha... ai foram furar buraco, ai furaram buraco, ai fazia o buraco assim ó...e...ai ele não deixava o boi beber nem nada, já “panharam”, todo mundo foi “panhar” ai fizeram uma festa ai uma vez, muitos anos, tem até a data, muita gente guardou a data de quando teve a festa de “nauguração” da festa da água do seu Lú, que apontou a água, mas teve tanta coisa, teve uma festa, muita gente, ai uns pessoal compraram ela... o sítio, foi vendido já pra outro.

Ao terminar a entrevista, D. Ruth ressaltou o saudosismo de beber a água que continha gás natural e forte. (Relato Oral ⁷)

Tinha, e tinha gás mesmo, só se vendo, tinha gás mesmo, mas era lá dentro da cacimba mesmo, só se vendo, ali está seca agora.

5 CONCLUSÃO

⁶ *Ibid.*

⁷ Entrevista com Ruth da Silva, no dia 10-mar-2019.

Com o desenvolvimento do presente artigo, tendo por base a metodologia da história oral buscou-se registrar através das entrevistas, realizadas com alguns moradores paduanos, as suas memórias sociais sobre as águas que já foram consideradas medicinais da cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ.

Da análise dos periódicos da época, nota-se que no auge das suas descobertas, algumas dessas águas possuíam e possuem características únicas na América Latina e no país, como a água Iodetada (iodo), que permanece intacta até hoje, dentro de um casebre datado de 1930 e a Água Pagé (lítio), que não resistiu às exigências financeiras para investir na exploração e nem à força do tempo e à especulação imobiliária, que a enterrou embaixo de um loteamento residencial. Sobre a água Farol (magnesiana) essa foi a mais comercializada em toda a região, pelos seus proprietários e herdeiros, inclusive com a ajuda de terceiros para seu engarrafamento sem qualquer contrapartida, apenas pelo fato de poder tomar a água e aprender o processo de fabricação. As ruínas do seu prédio permanecem lá até hoje, junto com a nascente da água, que brota através de uma pedra. Em relação a Água Solú, das três fontes que possuía, apenas uma continua jorrando na sede do Parque, localizada no distrito de Ibitiguaçu, aquela que possui o gosto mais fraco ou quase nada de gás.

Nessa perspectiva de legislação omissa e com os depoimentos colhidos nesse artigo especificamente, no que tange à atual situação das águas medicinais de Pádua, sabendo-se que não são protegidas pelo IPHAN e nem pelo INEPAC. Conclui-se dessa forma, através do método da história oral, registrando a memória social dos moradores de Pádua sobre suas águas medicinais, que é de suma importância para que se mantenha viva a história real e concreta de todos os fatores que levaram ao ímpeto e à decadência dessas águas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 3ª ed., 2005.

BUSTAMANTE, Heitor de. **Sertões dos Puris**. 2ª ed. Santo Antônio de Pádua: APLAC – Academia Paduana de Letras, 2014.

GREENBLATT, Stephen. Resonance and wonder. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven L. (Ed.). **Exhibiting cultures: the poetics and politics of museums display**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991. p. 42-56.

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, Ano I, Ed. 085, 21-jun-1931. BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_01&pesq=agua%20iode%20tada. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.
PICCININI, Rita Amélia Serrão. **A Casa da Águia: Crônicas Paduanas**. Santo Antônio de Pádua-RJ: R. A. Serrão Piccinini, 2005.

Notícias dos Municípios. **O Fluminense**. Niterói-RJ, 15-set-1937. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=100439_07&pesq=agua%20ph%20arol. Acesso em: 21-jan-2019.

PICCININI, Rita Amélia Serrão. **A Casa da Águia: Crônicas Paduanas**. Santo Antônio de Pádua-RJ: R. A. Serrão Piccinini, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992. p. 200 -212.

RIBEIRO, Oswaldo. **História de Santo Antônio de Pádua**. Santo Antônio de Pádua-RJ, 1999.

SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA-RJ. Centro de Informações de **Dados do Projeto Muda Pádua**. Informe nº II, 1990, p.93.